

ACESSIBILIDADE E SENSORIALIDADE NAS AMBIÊNCIAS MUSEAIS BRASILEIRAS

Regina Cohen, Cristiane Rose Duarte e Alice Brasileiro

Departamento de Tecnologia da Construção
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Rio de Janeiro (DTC/FAU/UFRJ) Brasil

Resumo

O que existe e o que ainda falta nos museus para que cidadãos com deficiência sintam que vale a pena visitá-los e revisitá-los?

Vários pesquisadores nacionais e estrangeiros têm debatido estas e outras questões, analisando o que já foi feito nesta matéria e o que se pode fazer no futuro. Este é o caso da pesquisa desenvolvida por Cohen (2008) e pelo Núcleo Pró-Acesso da UFRJ em parceria com instituições responsáveis pelo museus tombados pelo patrimônio brasileiro e que apresentamos neste artigo. Nossas investigações têm demonstrado que os museus são fontes inesgotáveis de informações através de todos os sentidos em conjunto. Às vezes a percepção pode ser dominada por apenas um deles. Uma pessoa cega locomove-se usando o toque com a bengala, os sons ou os cheiros.

Existem ambiências museais formadas de todos estes espaços sensoriais, corporais e emocionais e das imagens dos museus que estão em cada um de nós. Trata-se da compreensão destas ambiências sensíveis que transformam-se em lugares e que nos envolvem e acolhem nosso corpo e nossos sentidos, dentro dos quais nós vivemos e encontramos nosso abrigo e nossa morada.

Já pudemos encontrar alguns trabalhos que dão bem esta dimensão de museus acessíveis e exposições universais que também são para os que não vêem ou não escutam. O percorrer, o escutar, o ver e o tocar destes corpos e destas deficiências são enriquecedores tanto no nível teórico quanto no nível prático; é o ter acesso, o caminhar, o ver, o ouvir, o cheirar, o sentir, o tocar, o perceber e o descrever de infinitas maneiras diferentes como é a própria natureza humana.

Uma pesquisa sobre a inclusão de Pessoas com Deficiência e sobre suas experiências sensoriais e emocionais na acessibilidade aos museus no sentido como nós a definimos atualmente, toma toda sua significação. Não se trata de uma abordagem que satisfaça um ou outro, mas de uma tentativa de compreensão da universalidade humana, que explica os sentimentos destas pessoas resultantes das práticas museais de nossos planejadores.

Este artigo faz uma avaliação da acessibilidade aos museus tombados pelo IPHAN, localizados no Estado do Rio de Janeiro. Os resultados já alcançados certamente são muito mais gratificantes e ilustradores de nossa pesquisa de campo com estas pessoas. Esperamos num futuro próximo alargar paradigmas no planejamento das ambiências sensíveis - físicas, sensoriais e emocionais - de nossos museus fluminenses e brasileiros.

Palavras-chave: Acessibilidade. Ambiências museais. Deficiência. Universalidade. Sensorialidade

ACCESIBILIDAD Y SENSORIALIDAD EN LAS AMBIENTACIONES MUSEALES BRASILEÑAS

Resumen

¿Qué es lo que existe en nuestros museos y qué lo que todavía falta para que los ciudadanos con deficiencias sientan que vale la pena visitarlos y regresar nuevamente?

Algunos investigadores nacionales y extranjeros han debatido éstas y otras instancias, analizando lo que ya se ha hecho en la materia y lo que se podría hacer en el futuro. Es éste el caso de la investigación desarrollada por Cohen (2008) y por el *Núcleo Pro-Acceso de la UFRJ*, en sociedad con instituciones responsables por los museos pertenecientes al Patrimonio Brasileño presentados en este artículo.

La investigación ha demostrado que los museos son fuente inagotable de información a través de todos los sentidos. A veces, la percepción puede ser dominada por uno sólo de ellos. Una persona ciega se moviliza usando el bastón como apoyo, pero también los sonidos o los olores.

Existen ambientes museales formados por espacios sensoriales, corporales y emocionales y además, por las imágenes de los museos que se encuentran dentro de cada uno de nosotros. Se trata de la comprensión de estos ambientes sensibles, lugares que nos envuelven, que acogen nuestro cuerpo y nuestros sentidos, espacios en los que encontramos abrigo y morada.

Hoy podemos hallar ciertos trabajos que muestran la dimensión de accesibilidad de los museos y de las exposiciones universales para aquellos que no ven o que no escuchan. El hecho de que las personas con deficiencias puedan recorrer, escuchar, ver y tocar, es muy enriquecedor, tanto en el nivel teórico como en el práctico. Es tener acceso, caminar, ver, oír, oler, sentir, tocar, percibir o describir de infinitas maneras la propia naturaleza humana.

Una investigación acerca de la inclusión de las personas con deficiencias y sus experiencias sensoriales y emocionales en lo que concierne a la accesibilidad en los museos -en el sentido en que nosotros la definimos actualmente- tiene una gran significación. No se trata de un abordaje que satisfaga a unos y a otros, sino de una tentativa de comprensión de la universalidad humana, capaz de explicar los sentimientos de estas personas como resultado de las prácticas museales de nuestros planificadores.

Este artículo hace una evaluación de la accesibilidad a los museos del IPHAN localizados en el Estado de Río de Janeiro. Los resultados ya alcanzados son, ciertamente, muy gratificantes e ilustran sobre la investigación de campo realizada con dichas personas. En un futuro próximo, esperamos ampliar los paradigmas para el planeamiento de los ambientes sensibles -físicos, sensoriales y emocionales- de nuestros museos fluminenses y brasileños.

Palabras clave: Accesibilidad. Ambientes museales. Deficiencia. Universalidad. Sensorialidad.

SENSORIAL ACCESSIBILITY IN THE BRAZILIAN MUSEUM AMBIENCES

Abstract

¿What is there in our museums and what is still missing for the citizens with disabilities to feel that it is worth visiting them and even coming back?

Some national and foreign researchers have discussed these and other issues, analyzing what has already been done on the subject and what could be done in the future. This is the case of the research carried out by Cohen (2008) and by the *Pro-Access Nucleus of the UFRJ*, together with institutions responsible for museums overwhelmed by the Brazilian Heritage which we introduce in this article. Our research has proved that museums are never-ending sources of information through all our senses. Sometimes, perception may be dominated by only one of them. A blind person moves around using the walking stick as a flare and also the sounds or the smells. There are museal environments shaped by these sensory, corporal and emotional spaces and by the images of those museums that exist inside each of us. It's a question of comprehension of these sensitive surroundings that welcome our body and our senses, these places where we find home and shelter.

There are already works that show this new dimension of museums and universal exhibitions available for those who cannot see or hear. Bodies with disabilities moving around, hearing, seeing and touching constitutes an enriching experience, not only at the theoretical level, but also at the practical one. It means to have access, to walk, to see, to hear, to touch, to smell, to feel, to perceive or to describe -in endless different ways- how human nature is.

A research on the inclusion of people with deficiencies, and their sensorial and emotional experiences concerning museums accessibility -the way we define it nowadays- is highly significant. Rather than being an approach to satisfy everybody, it is an attempt to understand human universality, capable to explain the feelings of these people as the result of the museal practices of our planners.

This article assesses the accessibility of the IPHAN museums located in the State of Rio de Janeiro. The obtained results are indeed satisfying and illustrative about the field research carried out with these people. We expect that in the near future we will be able to expand the paradigms when planning the sensitive environments -physical, sensory and emotional- of our *Fluminenses* and Brazilian museums.

Key words: Accessibility. Museal Surroundings. Deficiency. Universality. Sensoriality.

ACESSIBILIDADE E SENSORIALIDADE NAS AMBIÊNCIAS MUSEAIS BRASILEIRAS

Regina Cohen
Cristiane Rose Duarte
Alice Brasileiro

Departamento de Tecnologia da Construção
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal do Rio de Janeiro (DTC/FAU/UFRJ) Brasil

Nossa investigação tem como principal objetivo apresentar alguns dados de um projeto que busca avaliar a relação das Pessoas com Deficiência com os ambientes dos museus brasileiros, o que existe e o que ainda falta nos nossos museus para que cidadãos com deficiência sintam que vale a pena visitá-los e revisitá-los.

Vários pesquisadores nacionais e estrangeiros têm debatido estas e outras questões, também analisando o que já foi feito e o que se pode fazer no futuro. Este é o caso da pesquisa desenvolvida por Cohen (2008) e pelo Núcleo Pró-Acesso da UFRJ¹ em parceria com o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) e que apresentamos aqui.

Nossas investigações têm demonstrado que os museus são fontes inesgotáveis de informações através de todos os sentidos em conjunto. Às vezes a percepção pode ser dominada por apenas um deles. Uma pessoa cega locomove-se usando o toque com a bengala, com os sons ou com os cheiros.

Existem ambiências museais formadas de todos estes espaços sensoriais, corporais e emocionais e das imagens dos museus que estão em cada um de nós. Trata-se da compreensão destas ambiências sensíveis que se transformam em lugares e que nos envolvem e acolhem nosso corpo e nossos sentidos, dentro das quais nós vivemos e encontramos nosso abrigo e nossa morada.

Alguns trabalhos retratam bem esta dimensão de museus acessíveis e exposições que também são para os que não vêem ou não escutam. O percorrer, o escutar, o ver e o tocar destes corpos e destas deficiências são enriquecedores tanto no nível teórico quanto no nível prático; é o ter acesso, o caminhar, o ver, o ouvir, o cheirar, o sentir, o tocar, o perceber e o descrever de infinitas maneiras diferentes como é a própria natureza humana.

Uma pesquisa sobre a inclusão de Pessoas com Deficiência e sobre suas experiências sensoriais e emocionais na acessibilidade aos museus no sentido como nós a definimos atualmente, assume um importante significado. Não se trata de uma abordagem que satisfaça um ou outro, mas de uma

¹ Grupo de Pesquisa vinculado ao Programa de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, coordenado por Regina Cohen e Cristiane Rose Duarte.

tentativa de compreensão da universalidade humana, que explica os sentimentos destas pessoas resultantes das práticas museais de nossos planejadores.

Este artigo faz uma avaliação da acessibilidade aos museus do IBRAM, localizados no Estado do Rio de Janeiro. Os resultados já alcançados certamente são muito mais gratificantes e ilustradores de nossa pesquisa de campo. Esperamos num futuro próximo alargar paradigmas no planejamento das ambiências sensíveis – físicas, sensoriais e emocionais – de nossos museus fluminenses e brasileiros.

1. Sobre Ambiências Museais Inclusivas

O espaço cultural da pessoa com deficiência no museu e seu percurso para chegar até ele são fatores muito importantes. Temos dado especial atenção às características dos ambientes museais e às relações entre estes e seus usuários. O contato com a diversidade de pessoas e lugares funciona como uma boa ferramenta que fornece a consciência de si e da ambiência que são provenientes da riqueza experiencial.

O conceito de ambiência se insere em uma corrente etnometodológica e em práticas interdisciplinares de pesquisa desenvolvidas na Escola de Arquitetura de Grenoble pelo sociólogo francês Jean-Paul Thibaud e seus companheiros. Recentemente, também foi criada uma Rede Internacional para o avanço nas discussões sobre o tema da ambiência com a introdução de novas metodologias. Neste Fórum de Discussão, o Grupo “Arquitetura, Subjetividade e Cultura (ASC)”², do qual fazemos parte, tem participado de forma efetiva destes debates, buscando também novos paradigmas conceituais e metodológicos no planejamento de museus mais inclusivos para todos.

Esta nova noção vem alargar a própria idéia dos ambientes museais, se inscrevendo na perspectiva pretendida em nossa pesquisa de apreender as atividades sensório-motoras das pessoas com deficiência nos seus deslocamentos pelo museu. Uma ambiência nos leva a refletir sobre experiência, percepção e ação situadas em cada um dos museus que estão sendo analisados. Um exemplo concreto da acessibilidade como passamos a entendê-la, é fornecido por Rachel Thomas (2004)³ que analisa a percepção em situações de mobilidade problemáticas relacionadas com as dificuldades motoras de certas pessoas.

Introduzimos também uma dimensão pouco trabalhada pelos estudiosos dos espaços, que é a das sensações que a pessoa tem ao caminhar e lidar com o ambiente sensível. Quando nos locomovemos e nos relacionamos com as outras pessoas nestas ambiências, estaremos vivendo emoções no ato ordinário de nosso corpo caminhando e se situando no espaço.

² Grupo de Pesquisa vinculado ao Programa de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, coordenado por Cristiane Rose Duarte, uma das autoras deste artigo.

³ Rachel Thomas (2004) desenvolveu sua tese de doutorado “**Ambiances publiques, mobilité, sociabilité. Approche interdisciplinaire de l’accessibilité piétonnière des villes**” sob a

orientação de Jean-Paul Thibaud, tratando da percepção situada, dos ambientes sensíveis e da acessibilidade.

Assim, ao nos apoiarmos nesta linha de pesquisa, estamos retornando ao concreto da experiência ambiental das pessoas com deficiência em sua apreensão dos espaços museais. A mobilidade do ponto de vista de situações de percepção situada conforme uma deficiência também envolverá sentimentos nos percursos feitos em direção ao museu e dentro dele. Os diversos dados já encontrados têm fornecido um conjunto de sensações e de percepções que fazem com que o ambiente museológico seja dotado deste poder de mobilização capaz de gerar medos e inseguranças, mas também emoções e afetos pelo lugar.

Neste sentido, as competências motoras e perceptivas entrarão em sintonia com as propriedades sensíveis que um ambiente é capaz de gerar. Acrescenta-se também a acessibilidade aos espaços que não está condicionada apenas às características físicas dos ambientes, mas pode ser, como colocado por Thomas (2000), a “expressão motora de uma afetividade”. O ambiente sensível dá assim um sentido à dinâmica da percepção das pessoas, despertando sentimentos na sua relação com o museu.

“Nesta perspectiva, a própria idéia de deficiência evolui para além de uma simples deficiência orgânica e se transforma no revelador das potencialidades de ação proporcionadas pelo ambiente (ou dos entraves feitos à ação que este pode produzir)”.

Rachel Thomas. **Ambiances publiques, mobilité, sociabilité. Approche interdisciplinaire de l’accessibilité piétonnière des villes.** Thèse de Doctorat en sciences pour l’ingénieur.

Assim, surge uma questão de ordem prática: Como é a relação das Pessoas com Deficiência com os ambientes dos museus? As respostas a esta questão estão sendo buscadas nos percursos para chegar ao museu, seu entorno imediato e no seu interior, que estamos realizando e acompanhando com as próprias pessoas participantes deste projeto e nos discursos e depoimentos que fazem parte de um dos procedimentos metodológicos de nossa pesquisa. Como um dos resultados esperados, pretendemos traduzir esta descrição do percurso, das sensações e da experiência museal vivida na imagem idealizada na memória, na maneira como gostariam de percorrer os espaços, se apropriar deles e com eles se identificarem.

Pretendemos, com estes resultados, poder estabelecer um amplo programa de estratégias capazes de proporcionar a inclusão de pessoas com deficiência nas ambiências museais, resgatando sua identidade nestes lugares e a apropriação que buscam alcançar.

2. Universalidade no Acesso aos Museus

Este artigo é uma pequena parcela de uma pesquisa ainda em andamento que tem por objetivo final fornecer subsídios para a adaptação dos espaços dos museus brasileiros, de forma a se tornarem acessíveis a todos e, em especial, atender às necessidades das pessoas com deficiência. Isto requer uma orientação de diversos profissionais e de todas as pessoas responsáveis por estes locais e pelas exposições e obras museográficas cujo

acesso deve ser universal e garantido a todos os segmentos e pessoas de nossa população.

A acessibilidade de todos à cultura e aos museus não pode mais ser vista apenas do ponto de vista de seu acesso físico aos ambientes, como foi abordada por muito tempo. Ter acesso a um museu e às suas exposições envolve também todos os atos e todas as percepções desejados por um visitante desde o seu ingresso na edificação até sua exploração museal. Falamos aqui do caráter público em toda a sua diversidade, sem esquecermos os pequenos e grandes, míopes e cegos, os que escutam pouco e os surdos, os obesos ou os idosos, as mulheres grávidas, as pessoas com muletas ou as que se locomovem em cadeira de rodas. Trata-se do conjunto de público que busca encontrar um objeto ou tema para meditar, aprender ou se maravilhar.

Nosso país estará acompanhando um movimento mundial que hoje persegue os princípios de um desenho universal capaz de atender a diversidade de características das pessoas. Para que acompanhem esta tendência, mais do que todas as nossas mais avançadas leis em diferentes instâncias de governo, necessitamos de uma mudança de postura por parte de nossas autoridades.

Esta pesquisa se insere neste processo que visa suprir uma carência de informações, ressaltando a importância da acessibilidade física, informacional e sensível no processo de democratização do acesso de todos à cultura. Pensar nisto significa também dizer que quando conseguimos desfrutar prazerosamente dos bens culturais e criar vínculos emocionais positivos com os lugares dos museus, estamos participando com satisfação de suas atividades, estabelecendo uma grande relação de afeto.

Afinal, para nós, como arquitetas e coordenadoras de um dos mais importantes grupos de pesquisa nacionais nesta temática (o Núcleo Pró-Acesso da UFRJ), os afetos e os sentimentos de prazer são verdadeiramente o que importam no fornecimento da acessibilidade de todos aos nossos museus.

Por estas razões, consideramos que esta é a principal diretriz do nosso projeto que busca fornecer, através da relação de métodos de outras disciplinas com novos procedimentos de pesquisa, informações adequadas e subsídios para o planejamento do acesso universal à cultura e a garantia de um direito.

3. Nossa parceria com o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM)

No ano de 2003, o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), órgão federal responsável pelo tombamento de museus, editou sua primeira instrução normativa, tentando estabelecer critérios, métodos e instrumentos de análise, tendo em vista a avaliação das condições de acessibilidade aos museus, a elaboração de diagnósticos, a implementação de projetos de intervenção e a formulação de programas, entre outras práticas (IPHAN, 2003).

Tardiamente com relação a um movimento internacional iniciado há bastante tempo, iniciou-se a discussão no Brasil. Cabe ressaltar que apesar

de termos evoluído em termos de leis, nossa prática de acessibilidade aos museus ainda está bastante distante do discurso.

O IPHAN chegou a empreender um grande esforço no sentido de partir das idéias para as ações, buscando as experiências bem sucedidas e a parceria com grupos de excelência na pesquisa desta temática voltada para o desenho universal. O Núcleo Pró-Acesso da UFRJ, por intermédio de suas coordenadoras Regina Cohen e Cristiane Rose Duarte, tem a honra de ter sido convidado para o estabelecimento de parâmetros básicos para acessibilidade aos bens culturais imóveis acautelados em nível federal e para a elaboração do Caderno de “Acessibilidade aos Museus”.

No Estado do Rio de Janeiro, participamos do Edital de Construção da Cidadania da Pessoa com Deficiência da Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa (FAPERJ) e realizamos o Diagnóstico das Condições de Acessibilidade nos nossos museus, em parceria com o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

Esta nova autarquia vinculada ao Ministério da Cultura sucedeu o IPHAN nos direitos, deveres e obrigações relacionados aos museus federais, tendo sob a sua responsabilidade a Política Nacional de Museus e a melhoria dos serviços do setor (<http://www1.museus.gov.br>). Mesmo constituindo-se em uma instância nova do governo federal, já são visíveis as preocupações de seus responsáveis com a universalidade no acesso aos museus, através de seu Estatuto:

Da Difusão Cultural e Do Acesso aos Museus

Art. 35. Os museus caracterizar-se-ão pela acessibilidade universal dos diferentes públicos, na forma da legislação vigente.

IBRAM - Lei 11.904, de 14 de janeiro de 2009 – Institui o Estatuto de Museus.

Conforme colocado no item anterior, o acesso universal é considerado um fator primordial na Acessibilidade de Pessoas com Deficiência às Ambiências Museais. Este Artigo 35 da lei do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM) reflete exatamente esta atual postura.

Em julho de 2010 fomos convidadas pelo IBRAM para participar em Brasília (capital federal do Brasil) do IV Fórum Nacional de Museus, palestrando sobre “Museus, Acessibilidade e Direitos Culturais”, apresentando os resultados da pesquisa FAPERJ de pós-doutorado de Cohen (2008) e do Diagnóstico realizado em parceria com o IBRAM, também com o patrocínio da FAPERJ.

Um dos objetivos do encontro foi traçar através de plenárias e eixos temáticos um Programa Nacional de Museus. A pesquisa que desenvolvemos pôde prestar sua contribuição para diretrizes nacionais a serem estabelecidas, através de uma das autoras deste artigo (Regina Cohen), que fez parte do eixo “Cultura, Cidade e Cidadania”, por ter sido a relatora (e defensora) da diretriz de acessibilidade que estabeleceu uma Política de Acessibilidade Universal para museus e centros culturais, aprovada com unanimidade em plenária. A garantia do acesso a pessoas com deficiência, com mobilidade reduzida e em situação de vulnerabilidade social às ambiências museais, através da adequação de seus espaços e entornos aos princípios do desenho universal, bem como a elaboração de estratégias comunicacionais que favoreçam a compreensão dos discursos expositivos, contidas nesta diretriz,

certamente significaram conquistas e um grande avanço desencadeado pelo IBRAM.

Fruto desta nossa parceria com o IBRAM, o ano de 2010 também significou novas perspectivas para a universalidade dos museus com vários editais de instituições públicas e privadas, voltados para a acessibilidade. Temos sido convidadas a participar de alguns deles, o que muito nos gratifica nas metas traçadas em nossas pesquisas.

Mostraremos resumidamente nossa metodologia e alguns resultados já alcançados, esperando enriquecer os futuros debates com nossa atual abordagem sob a perspectiva dos sentidos e das sensações no acesso de TODOS à Cultura. Que com este momento de discussão, consigamos construir ambientes museográficos mais inclusivos e acessíveis, partindo para a verdadeira efetivação de nossos mais completos ideais de museus para todos.

4. Nossa metodologia

Como parte de nossos métodos tornou-se necessário o aprofundamento da noção de ambiência; a realização de percursos acompanhados e visitas guiadas; o mapeamento destes percursos; a realização de entrevistas com usuários com deficiência, gestores e funcionários de museus e a filmagem das experiências, além de nossa própria observação, participação e implicação na investigação. Durante toda a pesquisa tornou-se evidente e necessário um levantamento prévio do lugar que ia ser pesquisado para o reconhecimento do quadro de acessibilidade que iríamos encontrar. Definimos uma metodologia que foi sendo constantemente testada e aperfeiçoada, foram feitos roteiros dos museus do IBRAM pesquisados no Estado do Rio de Janeiro e dos percursos em cada uma das ambiências museais.

Os encontros em cada instituição visitada tiveram a participação do diretor do museu, do arquiteto, de arte-educadores e outros funcionários. Por meio desses encontros, foi possível saber das perspectivas da instituição com relação à adaptação de suas instalações.

Antes da visita de pessoas com deficiência que convidávamos, através de uma parceria com o Grupo Rompendo Barreiras da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), nosso próprio percurso com bolsistas estudantes do Núcleo Pró-Acesso da UFRJ ajudava a entender a dinâmica de funcionamento do museu, encontrando e confrontando previamente estes diferentes olhares especializados e os discursos a eles relacionados. Este reconhecimento foi fundamental antes da visita guiada e da perspectiva do visitante com deficiência.

5. Brasil: Acessibilidade de Pessoas com Deficiência às Ambiências dos Museus do IBRAM

Para Françoise Choay (2006), a idéia de patrimônio histórico – adotada por muitos países no mundo – nos faz confrontar nossas interrogações sobre a acessibilidade em bens tombados. Vale mencionar os critérios que utilizamos

para selecionar os exemplos de nossas investigações nas ambiências dos museus do IBRAM, com apoio da FAPERJ, enfatizando a relevância no Rio de Janeiro e, em geral, no Brasil, de edificações tombadas e protegidas pelo patrimônio.

Com este pequeno recorte, considerando os problemas e as dificuldades também colocadas tanto pelos diretores quanto pelos arquitetos responsáveis e entrevistados acerca de preservar e legalmente proteger nosso patrimônio, acreditamos que os resultados encontrados são de grande importância para a compreensão de um contexto cultural da acessibilidade bem mais refinado em termos brasileiros. Por estas razões e pelas inúmeras resistências sempre colocadas, as ações relacionadas à inclusão deste grupo de pessoas nas ambiências museais fluminenses geralmente foram poucas ou postergadas.

No processo de restauração e revitalização pelo patrimônio, a previsão da acessibilidade sempre foi colocada no final de uma lista enorme de outros desafios a serem superados.

“O problema do prédio tombado é exatamente este: você tem que conciliar as duas leis: a lei do tombamento que não te permite grandes mexidas na feição original da edificação e a lei que prevê a acessibilidade”

Depoimento da arquiteta Edna Morley, responsável pelo Palácio Rio Negro em Petrópolis.

Considerando-se este fator como um motivo inicial que merecia ser pesquisado, iniciamos nosso projeto em 2008 com algumas questões fundamentais: Quais são as preocupações reais relacionadas aos aspectos do acesso físico e sensorial aos museus? Como ainda é possível depois de grandes conquistas – o aperfeiçoamento de uma legislação e regulação internacional de acessibilidade – nós ainda não encontrarmos soluções concretas no que diz respeito ao corpo em movimento, ao toque, à escuta e o desenvolvimento de sensações positivas nos edifícios preservados pelo patrimônio?

Os museus que fizeram parte desta pesquisa – Museu Nacional da UFRJ, Museu de Arte Religiosa e Tradicional de Cabo Frio, Museu de Arte Sacra e Forte Defensor Perpétuo de Paraty, Museu Casa da Hera em Vassouras, Museu Imperial e Palácio Rio Negro de Petrópolis, Museus Casa Benjamin Constant, Museu da República, Museu Histórico Nacional, Museu do Açude, Museu Chácara do Céu, Museu Nacional de Belas Artes e Museu Villa-Lobos no Rio de Janeiro e Museu de Arqueologia de Itaipu em Niterói – são bastante singulares para serem distinguidos, mas bastante gerais para serem observáveis ou aplicáveis a um grande número de exposições. Para explorá-los e entendê-los, nos deparamos com uma grande quantidade de imprevistos.

“Duas coisas me marcaram no Rio Negro; o acesso ao edifício, que não é fácil, pois sempre temos que vencer alguma escada, até para chegar ao primeiro piso. Isso dificulta para qualquer pessoa, que poderia se deslocar de forma muito mais confortável numa rampa, se assim desejasse. Nas demais condições de acessibilidade então, nem se fala. Outra coisa foi o acervo, que

representa momentos históricos diferentes e importantes, mas que não está ao alcance de deficientes visuais ou pessoas com baixa visão..."

Depoimento de Alice Brasileiro – arquiteta pesquisadora e uma das autoras deste artigo.

Os percursos, junto com outras pessoas com deficiência, nos auxiliaram a configurar o próprio ambiente dos museus investigados. Tentamos observar todas as ofertas à percepção – audíveis, visíveis, táteis, móveis – buscando um entendimento pela ótica daquilo que podia ser perceptível ou memorável para nossos visitantes. Acima de tudo, procuramos acompanhar suas atenções, motivações e intenções segundo sua sensibilidade ou sensorialidade – visual, sonora, tátil, cinestésica ou olfativa.

“Essa explicação (narrada de quadros) foi boa, mas essa explicação varia muito da percepção da pessoa que explica e do nosso entendimento. Quando depende de uma interpretação de terceiros, eu acho que é porque não existe acessibilidade.”

Participante da pesquisa com deficiência visual



Percurso para o banheiro –
Museu Chácara do Céu –
Santa Teresa RJ

**Percorrer, Ter Acesso, Ver,
Ouvir, Sentir, Cheirar e Tocar**



Pessoa com deficiência visual
tocando uma escultura no Museu
da República RJ



Rampa móvel para acesso de
pessoa em cadeira de rodas ao
Museu Nacional de Belas Artes RJ



Pessoa com Deficiência Visual:
Tocar, cheirar e sentir uma flor
dos jardins do Museu Imperial
de Petrópolis RJ



Dificuldades no Percurso – Museu
Casa da Hera de Vassouras RJ



Pessoa com Deficiência Visual:
Tocar, cheirar e sentir uma flor
dos jardins do Museu Imperial
de Petrópolis RJ

6. Considerações Finais

“Já estou fora do museu, já estou na cidade, chegando em casa e me deu a sensação de que eu fui para o museu e não o conheci. Eu vou conhecer por intermédio das fotos porque o percurso era muito complicado. Esta não era a experiência que eu gostaria de ter do Museu de Arqueologia de Itaipu. Estou um pouco triste, não sei se vou ter a oportunidade de voltar, ainda temos muitos museus para visitar, mas vamos tentar um dia pelo menos conhecer ao vivo o museu e não por meio de outros recursos”

Depoimento de Regina Cohen – arquiteta com deficiência, pesquisadora e uma das autoras deste artigo.

Através da análise dos dados obtidos e com base nos conceitos delimitados foram identificadas as barreiras encontradas por pessoas com deficiência (PcDs) nos percursos e nas atividades culturais dos museus e sua experiência dos ambientes sensíveis. Desta forma, tem sido possível avaliar as possibilidades de alteração/adequação dos ambientes analisados, buscando subsídios para um planejamento de museus que proporcionem uma melhor experiência ambiental.

Nossa proposta de análise espera permitir uma avaliação das possibilidades de novas perspectivas de melhoria destes ambientes. As ambiências sensíveis e seu entendimento são preponderantes na construção de um novo paradigma por parte de quem trabalha com os museus, fomentando a conscientização de que as experiências ambientais e temporais das PcDs só serão concretas quando possibilitarem sentimentos e sensações positivas no ato de percorrer um museu.

Pretendemos contribuir para o entendimento de que o ambiente museal só existirá, de forma plena, quando for vivido de maneira prazerosa, ou quando gerar nestas pessoas sentimentos de alegria e satisfação nas suas múltiplas atividades culturais.

Através da interação desses enfoques e com esta abordagem inovadora, esperamos contribuir para a melhoria da experiência museal de todos, assim como subsidiar a criação de novos paradigmas de concepção de arquitetura nos museus e instituições culturais. De forma mais efetiva, iremos elaborar, em parceria com o IBRAM, estratégias e soluções de acessibilidade para a edificação destas ambiências de grande relevância no quadro cultural de nosso Estado e de nosso país.

Este projeto de pesquisa aposta no caráter interdisciplinar e na compreensão de uma influência positiva das relações afetivas do Homem com seu ambiente construído. Por outro lado, ele também busca fundamentos e métodos projetuais voltados para a produção de ambiências museais para todos os seus usuários.

Cabe enfatizar que a criação de estratégias para a melhoria da qualidade ambiental e da afetividade de PcDs em nossos museus fluminenses terá um impacto social enorme, representando aumento da "qualidade da experiência ambiental" não apenas dos 14% da população brasileira que possui algum tipo de deficiência (segundo censo IBGE 2000), mas também de

seus familiares, amigos e da população como um todo, que estará, futuramente, sentindo os resultados da mudança nos laços afetivos da pessoa com deficiência com as ambiências de nossos museus.

7. REFERÊNCIAS

- AMERICAN ASSOCIATION OF MUSEUMS. **Excellence and Equity: Education and the Public Dimension of Museums**. AAM. Baltimore, 1998. 27p.
- AMPHOUX, Pascal; THIBAUD, Jean-Paul et CHELKOFF, Grégoire. **Ambiances en Débats**. Bernin : À La Croisée, 2004
- AUGOYARD, Jean-François. **Vers une esthétique des Ambiances**. In AMPHOUX, Pascal; THIBAUD, Jean-Paul et CHELKOFF, Grégoire. *Ambiances en Débat*. Bernin : À La Croisée, 2004. pp. 7-30
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9050: **Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos**. Rio de Janeiro: ABNT, 2004.
- BAHIA, Sergio Rodrigues (Coord.); COHEN, Regina; VERAS, Valéria. **Município e Acessibilidade**. Rio de Janeiro: IBAM/CORDE, 1998.
- CALIXTO Silvana Campos da Rocha; JUNIOR, Pedro Antonio Federsoni. **Museu: a mídia multissensorial**. In <http://www.eca.usp.br/nucleos/njr/espinal/placa29a.htm>. acesso em 22 de setembro de 2007.
- CANO, Begoña Consuegra. **El acceso al patrimonio histórico de las persona ciegas y deficiente visuales**. ONCE, 1ª edição: Madrid, 2002.
- CENTRO DE MEMÓRIA DORINA NOWILL. **Fundação e suas Muitas Histórias**. Catálogo Institucional.
- CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. [Trad. Luciano Vieira Machado]. 3ª. Ed. São Paulo: Estação Liberdade: UNESP, 2006.
- CITÉS DES SCIENCES ET DE L'INDUSTRIE. **Des visites confortables pour tous : cahier des charges d'accessibilité aux personnes handicapées**. Parc de la Villete, 1992.
- COHEN, Regina. **Acessibilidade de Pessoas com Deficiência às Ambiências dos Museus do Estado do Rio de Janeiro: Ter Acesso, Percorrer, Ver, Ouvir, Sentir e Tocar**. Projeto de Tese de Pós-Doutoramento submetido à FAPERJ e vinculado ao Proarq/ Ufrj em 2008.
- _____. **Cidade, corpo e deficiência: percursos e discursos possíveis na experiência urbana**. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- _____. **Acessibilidade, Identidade e Vida Cotidiana Urbana de Pessoas com Dificuldade de Locomoção: o Projeto Rio Cidade**. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
- _____. **A palavra de Regina Cohen**. In: UNESCO. (Org.). *Manual Direitos Humanos no Cotidiano*. 1 ed. Brasília: Minist. da Justiça, Secret Nac de Direitos Humanos, USP e UNESCO, 1998, v. 1, p. 01-04.
- COHEN, Regina. DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira. **Proposta de Metodologia de Avaliação da Acessibilidade aos Espaços de Ensino Fundamental**. In: Sheila Ornstein - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP. (Org.). *NUTAU 2006: Demandas Sociais, Inovações Tecnológicas e a Cidade*. 2006, v. 1, p. -.

- _____. **A cidade será para todos se for construída na formação de planejadores.** In: I Seminário de Acessibilidade da Prefeitura de Niterói e UFF, 2001, Niterói/RJ. Mimeografado e apresentado durante o evento, 2001.
- _____. **A Percepção Ambiental de Pessoas com Dificuldades de Locomoção: uma contribuição para projetos acessíveis visando a inclusão psicossocial no ambiente construído.** In Anais do Seminário Internacional Psicologia e Projeto do Ambiente Construído, Rio de Janeiro, 2000.
- DUARTE, Cristiane Rose & COHEN, Regina. **Acessibilidade como fator de Construção do Lugar.** 2008. No prelo.
- DUARTE, C. R.; COHEN, R.; SANTANA, E.P.; BRASILEIRO, A.; DE PAULA, K.; UGLIONE, P.: **Exploiter les ambiances : dimensions et possibilités methodologiques pour la recherche en architecture.** Actes du Colloque International Faire une Ambiance. Laboratoire Cresson, École Nationale Supérieure d'Architecture de Grenoble. <http://www.cresson.archi.fr/AMBIANCE2008-commSESSIONS.htm> - 2008
- DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira (Org.); COHEN, Regina. (Org.). **Manual de Convivência: você está preparado para conviver com a diferença?** Rio de Janeiro: Câmara Municipal do Rio de Janeiro, 2006. v. 1. 23 p.
- DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; COHEN, Regina. **Acessibilidade para Todos: uma cartilha de orientação.** Rio de Janeiro: ALERJ, 2004. v. 1. 87.
- DUARTE, Cristiane Rose de Siqueira; COHEN, Regina. **Arquitetura, Espaço, Acesso e Afeto.** Bengala Legal, Rio de Janeiro, p. 1 - 1, 10 jan. 2006. - <http://www.bengalalegal.com/>
- _____. **Building New Tools for Teaching Inclusive Architecture.** In: Adaptive Environments. (Org.). Anais da Conferência Internacional sobre Desenho Universal: "Designing for The 21st Century". Boston: Adaptive Environments, 2004, v. , p. -.
- FALCATO SIMÕES, Jorge & BISPO, Renato. **DESIGN INCLUSIVO: Acessibilidade e Usabilidade em Produtos, Serviços e Ambientes: Manual de apoio às ações de formação do projecto Design Inclusivo,** Prefeitura de Lisboa, Portugal, 2003.
- FERRARI, Aída Lúcia; CAMPOS, Elisa. **De que cor é o vento? Subsídios para ações educativo-culturais com deficientes visuais em museus.** Prefeitura de Belo Horizonte, 2001. 47p.
- GOMES, Renato Cordeiro. **Todas as Cidades,** A Cidade. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- FONDATION DE FRANCE/ICOM. **Dês musées ouverts à tous les sens : mieux accueillir les personnes handicapées.** Cahiers Fondation de France 2, 1991.
- GROSJEAN, M. et THIBAUD, J-P [Org.]. **L'Espace Urbain en Methodes.** Ed. Parenthèses, Marseille, 2001
- GROSBOIS, L.P. & ARANEDA, A. **Lês critères d'accessibilité aux présentations.** Park de la Villete, 1982.
- IBGE. **Censo Demográfico Brasileiro 2000.** In www.ibge.gov.br .
- IBGE, 2000 In www.assistenciasocial.gov.br. **Pessoas com Deficiência no Brasil.** Acessado em 2001.
- IBRAM. Estatuto de Museus. In <http://www1.museus.gov.br>
- IPHAN. **Instrução Normativa nº 1.** 2003 (www.iphan.gov.br)
- _____. **Musas: Revista Brasileira de Museus e Museologia.** No. 2, 2006. Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Departamento de Museus e Centros Culturais, 2004.
- LAPLANTINE, F. **La Description Ethnographique,** Paris: ed. Armand Colin, 2006
- MAGALHÃES, Fernando P. O. **Os Museus: Entre a Pedagogia e a Interpretação** (Um estudo de caso: O Museu de Alberto Sampaio), In

Educação & Comunicação, Leiria: Escola Superior de Educação, No. 8, PP.61-72.

MAJEWSKI, Janice. **Part of your general public is disabled**. 2ª ed. Washington: Smithsonian Institution, 1993.

MARIANI-ROUSSET, Sophie. **La méthode des parcours dans les lieux d'exposition**. In GROSJEAN, M. et THIBAUD, J-P (Org.). **L'Espace Urbain en Methodes**. Ed. Parenthèses, Marseille, 2001

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MINISTÈRE DE CULTURE FRANCOPHONIE. **Des musées pour tous: Manuel d'accessibilité physique et sensorielle des musées**. Paris : La Villette, 1994.

MINISTÈRE DE LA CULTURE ET DE LA COMMUNICATION DE FRANCE. **Culture et Handicap : guide pratique de l'accessibilité**.

MINISTERIO DE CULTURA y ONCE. **Museus Abiertos a Todos los Sentidos: acoger mejor a las personas minusvalidas**. Trad. Carmen Pérez Andrés e Antonia Ramos Fuentes. ONCE. Salamanca, 1994. 273p.

MOREIRA, Conceição (et. Alli). **Museus e Acção Cultural**. Lisboa: Universidade Lusófona De Humanidades e Tecnologias, 1996. (Cadernos de Sociomuseologia n.5).

MOUTINHO, Mario (et. Alli). **Sobre o Conceito de Museologia**. Social. Lisboa: Universidade Lusófona De Humanidades e Tecnologias, 1993. (Cadernos de Sociomuseologia n.1).

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **O Toque Revelador: a poética das formas**. São Paulo, 1999. 38p. il.

PINACOTECA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Programa Educativo Públicos Especiais: obras selecionadas do acervo. 2ª. edição, RIBAS,

SANTOS, Myrian Sepúlveda. **À procura da alma encantadora da cidade**. In Regina Abreu, Mário de Souza Chagas e Myrian Sepúlveda dos Santos (Org.). **Museus, Coleções e Patrimônios: narrativas polifônicas**. Rio de Janeiro: Garamond, MINC / IPHAN / DEMU, 2007.

THIBAUD, Jean-Paul. **O Ambiente Sensorial das Cidades: Para uma abordagem de ambiências urbanas**. In: Tassara, E. T. O; Rabinovich, E.P.; Guedes, M. C. (Eds.) **Psicología e Ambiente**. São Paulo: Educ, 2004.

THIBAUD, Jean-Paul. **La méthode des parcours commentés**. In GROSJEAN, M. et THIBAUD, J-P [Org.]. **L'Espace Urbain en Methodes**. Ed. Parenthèses, Marseille, 2001

THOMAS; Rachel. **Ambiances publiques, mobilité, sociabilité. Approche interdisciplinaire de l'accessibilité piétonnière des villes**. Thèse de Doctorat en sciences pour l'ingénieur, Filière doctorale Ambiances Architecturales et Urbaines : Université de Nantes, Ecole Polytechnique, Laboratoire CRESSON, 2000.

TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. **Museu de Arte e Público Especial**. 1999. 191p., il., 2 anexos. Dissertação de Mestrado - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1999.